

O que vale a Vale 28 NOV 1996

JOSÉ SARNEY

Eu estava no gabinete do presidente Castelo Branco, quando chegou o general Guedes, comandante de Minas Gerais, um dos principais protagonistas da Revolução de 64. Esperei a hora da minha audiência com o presidente, pessoa que conhecia dos tempos em que eu, secretário no Maranhão, e ele, comandante da 10ª Região Militar, mantivemos estreito contato e boas relações pessoais. Nunca fui dado a extremos, adepto do diálogo, do entendimento e da convivência das idéias, virtudes ou defeitos (!) que tive de exercitar ao máximo quando ocupei a Presidência da República. O general Guedes saiu, eu entrei. O presidente Castelo Branco me saúda e diz:

— Dr. Sarney — era assim que ele sempre me chamava — o senhor é muito bem servido de inimigos...

— Eu, presidente? — retruquei, sem saber o que se passava.

Em seguida me confidenciou:

— Pois é, o Guedes veio pedir-me sua cabeça. Disse-me que você é um comunista perigoso...

Ri um pouco amarelo e o presidente me acrescentou:

— Disse ao Guedes que cuidasse de Minas, pois eu conheço muito bem o Nordeste.

Alguns anos depois, estava jantando com Giocondo Dias, presidente do Partido Comunista e um homem que fez muita falta ao Brasil na transição daqueles anos, e ele me disse:

— Presidente Sarney, o senhor é até

um reacionário esclarecido...

Agora, com esta discussão da Vale, eis-me incluído entre os dinossauros. Lembrei-me do episódio do presidente Castelo quando li o artigo de mestre Roberto Campos e concluí para mim mesmo: "Agora a coisa está ruim, pois estou muito bem servido de amigos."

Neste assunto da Vale do Rio Doce, há que distinguir o que é ser contra o enxugamento do Estado, a favor da necessidade de usar-se o instrumento da privatização, e o que é aceitar a dilapidação do patrimônio nacional, de maneira selvagem, quer vendendo na bacia das almas, quer deixando a corrupção medrar para dar a alguns os bens do Estado, quer confundindo privatizar com abdicar dos instrumentos de uma agência de desenvolvimento do país.

Em que a Vale está prejudicando o Estado brasileiro? Qual o critério de prioridades adotado para incluir a Vale do Rio Doce entre os primeiros dos seus ativos a vender? Será porque a Vale do Rio Doce é responsável pelo gigantismo da máquina estatal? Será porque essa companhia é responsável por qualquer desmembramento do Tesouro? Será porque o BNDES deseja dar um sinal e aguçar a gula de especuladores internacionais? Será porque essa área deseja mostrar que está adepta da teoria da globalização de modo a entregar a Vale a uma companhia global, sua concorrente? Será porque deseja dizer que o país avançou tanto nesse terreno que escolheu a grande corretora americana Merryl Lynch para vender a sua mais eficiente e cobiçada empresa?

São perguntas que até agora não tenho

respostas convincentes. Eu não sou contra as privatizações. Privatizei durante meu governo e se não o fiz mais foi porque não tive condições políticas, já que o Congresso desautorizou a venda de muitas empresas e muitos dos que, hoje, são arautos dessa venda selvagem, foram os que mais estavam contra qualquer privatização ou enxugamento do Estado.

A Vale do Rio Doce é uma agência de desenvolvimento. É o único *global player*, parceiro internacional na área econômica do Brasil, com participação em 54 companhias, além de subsidiárias de grande porte. É um braço do Brasil para regular alguns mercados do ferro e, em decorrência, do aço. É responsável pela venda de 25% de todo o minério de ferro consumido no mundo. Seus custos são altamente competitivos e promoveu o desenvolvimento de áreas sem nenhuma perspectiva de progresso, levando riqueza e criando recursos humanos. Veja-se o exemplo de Carajás.

Aquela mina, a maior província mineral do mundo, pertencia à United Steel, que não quis explorá-la. Seria um grande investimento novo que não interessava a multinacionais, proprietárias de minas ainda em fase de exploração. A Vale construiu uma estrada de ferro de 840 quilômetros — a mais moderna do Brasil — fez porto, montou estratégias de transporte e desenvolveu toda uma grande região. Agora, vamos entregá-la àquela

mesma United Steel ou outra assemelhada, tudo pronto e pago, sem dívidas? A Vale do Rio Doce está em fase de planejamento e execução da criação de um pólo de grande porte no Norte, minero-metalúrgico, capaz de fazer o Brasil dispor, fora do eixo Rio-São Paulo, de grandes indústrias de base, com capacidade de competir internacionalmente e diminuir desníveis regionais.

Os Estados Unidos, o Japão e a Inglaterra se desfizeram de suas empresas estratégicas? Nenhum deles! Por que vai o Brasil fazer isso?

Mas, o que impressiona e faz desconfiar é a intolância, o avassalador terrorismo moral que se desencadeia na discussão do assunto. É dogma. É para vender! Deve-se vender! Faz parte do programa de privatização, e nada de controvérsia! Ponto final! Em vez de argumentos, ataques. É compreensível que um negócio dessa magnitude, que deve estar sendo a sedução de muita gente, a

maior privatização posta à venda num só bloco, só pode despertar grandes e incalculáveis interesses. Isso até pode ser normal, mas não é normal que os órgãos governamentais envolvidos no assunto mostrem tão dogmáticos quanto os especuladores. Por que não vender as participações da Vale e preservar-se o seu núcleo? Se o país necessita de dinheiro, venda o sistema elétrico, venda a área de telecomunicações, flexibilize a Petro-

Faz parte do programa de privatização, e nada de controvérsia!

bras e venda as ações que a Vale tem em outras empresas. Quem comprar a Vale vai fazer isso e ficar com a Vale de graça. Por que então o formato de edital, que em vez do modelo inglês de dividir entre o povo os compradores das ações, concentra, vende em bloco para entregar esse braço estratégico do Brasil a compradores previamente selecionados? E o que não dizer da mais barata espionagem industrial jamais compreensível de, por R\$ 150 mil, qualquer grupo saber as composições de preço, as estratégias de venda, tudo sobre a Vale?

Uma repórter me perguntou se a luta pela Vale não era um disfarce para entrar a reeleição. Disse que não. Uma coisa nada tinha a ver com outra. Havia mesmo, talvez, alguns que, colocados nesse dilema, talvez optassem pela Vale e abdicassem da reeleição. Acrescentei que não era o meu caso, pois minha posição sobre a Vale é principista. Uma atitude cívica e não política. Foi um deus-nos-acuda. O mesmo argumento meu, que era o do Governo, de uma coisa não ser instrumento da outra, foi desvirtuado e não faltou quem apontasse uma barganha.

Defender uma idéia não é barganha. Não estou mais na idade nem fora das responsabilidades de não dizer o que eu penso. Barganhas são outras! Até mesmo porque não sou ingênuo para não saber que existem muitos "teóricos" da reeleição — e eu ainda não me manifestei sobre ela — que por ela não dariam a Vale, mas muito mais que a Vale. Nesse jogo, todos sabemos, a Vale não vale nada.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado.